





ENÉAS

O brasileiro por excelência

André Garcia Brito de Moraes

Editor Chefe

Thiago Domingues Regina

Coordenação Editorial

Rafael Silva

Revisão

Fábio Nicoluzzi e
André Falcão P. Zappalenti

Reportagem

André Garcia

Copidesque

Rafaela Cunha

Projeto Gráfico e**Diagramação**

Fabio Martins

Capa

Vanessa Manso Bueno

Copyright © Viseu

Copyright © André Garcia Brito de Moraes

Todos os direitos desta edição

são reservados à Editora Viseu

Rua Ver. Basílio Sautchuk, 762

CEP 87013-190

Telefone: 55+ (44) 3041-2120

e-mail: falecom@viseu.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Morais, André Garcia Brito de

Enéas, o brasileiro por excelência / André Garcia Brito de Moraes – 1ª ed. –
Maringá: Viseu, 2022.

ISBN 978-65-254-1481-2

1. Ideologias políticas 2. Política
I. Moraes, André Garcia Brito de II. Título

CDD-320.5

CDD-320.6

Índice para catálogos sistemáticos

1. 320.5 – Ideologias políticas 2. 320.6 – Política.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO À MINHA MÃE, DONA ANALICE, que em toda minha vida, sobretudo nos momentos mais depressivos em que eu estava desmotivado, sempre apostou em mim, sempre confiou e sempre me amou! Agradeço ao meu pai, o seu João, homem inteligente, trabalhador e que sempre me ensinou a beleza de ser um homem comum. Queria agradecer ao meu falecido primo Eric Anderson, por motivos que são inefáveis, mas que julguei necessário citar – não poderia deixar de registrá-lo aqui. Agradeço também aos meus amigos, em especial ao Ricardo Mateus Braga, pai da Teresa, da Catarina e da Elisa; homem bom e que em uma de nossas “conversas pernoites”, enquanto tentávamos encontrar algum político que se aproximasse de nossos ideais, disse-me: “Enéas é o brasileiro por excelência”, frase que adentrou minha mente e me fez querer escrever esse livro.

Pela motivação e inspiração, devo agradecer ao meu amigo Eric Piagno e à Elaine Cristina, que leva a vida da maneira mais leve possível. Agradeço aos meus queridos professores da sétima série Wagner, Cleide e Marlete, que não pouparam esforços para me ensinar. Também agradeço imensamente, do fundo do meu coração, aos professores da faculdade Marcelo Salgado, Ana Teresa Pinto e Fabíola Tarapanoff, pela docilidade no ensino e pelo carinho em educar. Um agradecimento especial ao meu orientador, o professor Eduardo Boldt, pela cumplicidade, companheirismo

mo e paciência que teve comigo nos últimos meses de trabalho que antecederam este projeto.

Quero agradecer ao falecido cantor Felipe Silva, que disse em uma de suas canções: “sou da cor do Brasil, vivo de pé no chão e as minhas raízes estão firmes nesta terra”. Agradeço também ao gigante Ayrton Senna, um grande piloto, um herói, cuja fé inspirou seu povo a não desistir. Agradeço ao Luis Fernando de Moura Cagnin, por ter dito “Enéas, o maior presidente que não tivemos”. Não poderia deixar de agradecer a Deus, essa força mística e misteriosa que, durante meu período acadêmico, ouviu as minhas lamentações e angústias e atendeu a uma das minhas muitas preces: que tivesse forças para concluir a faculdade e a publicar esse livro.

*Nem homem nem nação
podem existir sem uma
ideia sublime.*

Fiódor Dostoiévski

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	5
Nota preliminar.....	11
Introdução.....	15
Capítulo 1.....	27
Capítulo 2.....	43
Capítulo 3.....	57
Capítulo 4.....	87
Capítulo 5.....	113
Capítulo 6.....	141
Ajudaram a realizar esse sonho.....	157

NOTA PRELIMINAR

A RESPEITO DESTE LIVRO

Julguei necessário escrever uma nota inicial, para que o propósito deste projeto não seja mal compreendido. Enquanto eu finalizava o livro, comecei a me lembrar de uma cena inusitada que me ocorreu nestes meus anos de vida na Terra – quando eu estava na sétima série, para ser exato. Grande entusiasta que eu era de futebol (hoje não sou mais), ficava em uma alegria sem igual quando assistia aos jogos pela TV, sobretudo quando era a seleção brasileira a jogar. Morador da periferia que sempre fui, via a pobreza de perto. Nas aulas de Geografia, a professora dizia que, por conta das ações do Governo Federal – sob liderança do presidente Lula –, o Brasil estava deixando de ser um país subdesenvolvido e começava a se tornar um país em desenvolvimento.

De todas as formas a pobreza era só o que via. E eu a identificava ainda mais quando assistia aos filmes americanos e via as belas cidades da Europa, lugares que eu sabia que jamais estaria. Contudo, a seleção brasileira era a melhor de todas e os melhores jogadores do mundo eram brasileiros – pelo menos naquela época – e isso já era motivo para sentir orgulho. Eis

que, em uma determinada aula de Leitura, a professora passou o filme “O Caçador de Pipas” na sala de vídeo. Não me recordo muito bem, agora, com exatidão de todas as cenas. Mas lembro que um personagem afegão precisou sair de seu país com o filho, em fuga para os Estados Unidos. Acontece que o Afeganistão sofreu um golpe de estado dos comunistas.

O personagem em questão, antes de sair da terra que o criou, pegou uma quantidade razoável de areia do chão e a despejou num artefato (se não me falha a memória, um relicário) de modo a levar consigo um pedaço de suas origens. A professora fez uma pausa neste momento do filme e nos perguntou se sabíamos o que significava aquilo que ele fez. Lembro-me que esta professora era muito inteligente e tinha uma docilidade sem igual para educar. Ela explicou que o sentimento expresso pelo personagem afegão era nacionalismo... e foi a primeira vez na minha vida que eu ouvi essa palavra. Disse ela: “o brasileiro não tem consciência do que é, de fato, sentir amor pela pátria. Eles só sentem orgulho do Brasil por causa do futebol”. Depois deste ocorrido, prometi a mim mesmo que teria orgulho do meu País em qualquer circunstância, não só por conta do futebol – eu não sabia que iria escrever um livro a respeito.

A partir disso, poder-se-ia então, aqui, dividir o nacionalismo em duas partes: o nacionalismo como viés e ideologia política e o nacionalismo como adjetivo que expressa sentimento puro e verdadeiro. Eu poderia citar grandes teóricos que explicam o que é, no campo político, nacionalismo, mas abordar um tema tão

complexo como este seria um desafio e tanto, que poderia ser útil, mas que confundiria o leitor se levar em consideração o propósito principal desta escrita. Por isso, ao ler as páginas a seguir, o leitor precisa ter em mente que o nacionalismo manifestado por este livro é o mesmo que o do personagem afegão: um nacionalismo transcendente, de sentimento puro e de amor à nação. E para criar uma imagem mental do que quero transmitir, vem em minha mente aquela frase do poeta romano Horácio: “Não pode um homem ter melhor morte que lutando contra o desconhecido, pelas cinzas de seus pais e pelos templos de seus deuses”. Aos que julgarem como efêmero o que está registrado nos próximos capítulos, embora eu não possa discordar de tal opinião, peço apenas que cheguem até o fim e me deem ao menos uma oportunidade de provar que quanto mais sublime for o nacionalismo, mais prática será a política.



INTRODUÇÃO

EM DEFESA DE UM NACIONALISTA

O AMOR À PÁTRIA transcende as ideologias políticas. Eis o que este livro-reportagem tentará provar, tendo sido escrito no propósito de ser um esboço popular de um nacionalista que deveria ser mais popular. Começou como um projeto de TCC, que levou nota dez na banca e fez sucesso em alguns grupos das redes sociais. Por isso foi ampliado e agora é publicado.

A intenção do autor é dar o primeiro passo nessa empreitada de tirar uma pérola do lixo e fazer com que o leitor busque saber quem foi o nacionalista em questão em livros melhores do que esse, que sei que serão publicados em breve. Aqui se cumpre aquele ditado de que “o brasileiro precisa ser estudado”.